

Novos fragmentos de toponímia galega oriunda de nomes latinos de senhorios rurais medievos*

JOSEPH M. PIEL

É suficientemente sabido que boa parte do léxico toponímico do noroeste hispânico, a qual se pode avaliar num décimo, pelo menos, da sua totalidade¹, é constituída por nomes de antigos possuidores rurais, que estes, desde a época latina e através dos séculos medievais², deixaram vinculados às terras que ocuparam, exploraram e transmitiram aos seus herdeiros. Este considerável conjunto de nomes de senhorios apresenta, em princípio, a característica morfológica particular de se radicar na forma do genitivo, precisamente "possessivo", dos antropónimos respectivos. Nos nomes de ascendência latino-românica é, conseqüentemente, a desinência \bar{i} ³, dos temas (prevalentes) em -o-, nos de origem visigoda a desinência -ANIS ou também \bar{i} ⁴ que, por via de regra, vem a ser o elemento fonético guia da evolução ulterior em galego-português. Diga-se ainda que a importância numérica destas duas classes históricas, a latina e a germânica⁵, se revela

* Sobre o mesmo assunto publicou o autor anteriormente as contribuições seguintes: *Latinisches Namengut in portugies. und galizischen Ortsnamen*, VKR 10 (1937), pp. 42-64. *Nomes de "possessores" latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa*, em *Biblos*, 23 (1947), pp. 143-202 e 283-407, trabalho a que nos referiremos sob a sigla NP. *Ramalhete de antroponímia galega*, in *Homaxe a Ramón Otero Pedrayo*, Vigo 1958, pp. 61-65. *Notas de toponímia galega*, RPF 6 (1953), pp. 51-72.

¹ De uma sondagem provisória, não publicada, a que o autor procedeu ha anos e que incidiu sobre 24 municípios galegos escolhidos ao acaso, e pertencentes às quatro províncias galegas, resultou que, num total de 3.244 topónimos interpretáveis, e postos de parte 604 de etimologia opaca, havia 324 nomes da categoria em estudo. Trata-se dos municípios seguintes: 1. Lugo, Villalba, Fonsagrada, Becerreá; 2. Coruña, Órdes, Abegondo, Carballo, Mazaricos, Boimorto, Cerceda; 3. Orense, La Vega, Puebla de Trives, La Peroja, Celanova, Cartelle, Castro Caldelas, S. Cristóvão de Cea; 4. Pontevedra, Golada, Gondomar, Carbia, Cotobad.

² É principalmente à Alta idade média que me quero referir.

³ O seu resultado normal é -e, esporádica e arcaicamente -i, emudecendo a seguir a uma líquida (-l-, -r-).

⁴ O genitivo em -ANIS é próprio dos temas godos em -N-, o em -I dos temas em -S-, latinizáveis em -US. A par de -ANIS temos ainda -ONIS a caracterizar mormente nomes de mulher terminados em -o.

⁵ Abstraimos aqui do elemento árabe e moçárabe, estudado com muito rigor científico por Pedro Cunha Serra em *Contribuição topo-antroponímica para o estudo do povoamento do noroeste peninsular*, Publ. do Centro de Estudos Filológicos, 16, Lisboa, 1967. Embora não desprezíveis de todo no que toca à Galiza, os nomes de possuidores de substância árabe ou arabizada não chegam a ter aqui a relativa importância que lhes cabe em certas áreas leonesas e portuguesas de povoamento moçárabe. Quanto ao elemento germânico, remeto para o Onomástico histórico-etimológico geral hispano-visigodo, da nossa autoria com a colaboração de Dieter Kremer, obra de cerca de 500

mais ou menos equilibrada, podendo-se avaliar, com os topónimos repetidos, e encarando o Noroeste todo, em cerca de dois mil topónimos actuais em ambas estas categorias, ou seja um total de quatro mil.

A contribuição que se segue cinge-se à antropo-toponímia galega de origem latino-cristã⁶, recolhendo apenas mais algumas espigas esquecidas num vasto campo, onde ha ainda muito por grangear. Além dos problemas etimológicos propriamente ditos, são aspectos de fonética regional galega, ligados à fortuna da desinência *-ī* final, que prenderam a atenção particular do autor destes Novos fragmentos.

1. ABULI, PUMARABULE, VILLABOLLE, VIL(L)ABOL, VIL(L)ABOY, ABÓ, VILABUÍN, ABUÍN, ETC.

Todos estes topónimos enlaçam-se com um antropónimo medieval, relativamente bem documentado, *Aviolus*, no genitivo possessivo *Avioli*. Em quatro casos: ast. *Pumarabulle*^{6a} (Valdesoto, Siero, O), ast. *Villabolle* (Grandas de Salime, O), gal. *Vilabol* (Quintá, Los Nogales, Lu), assim como duas ou três terras de Fonsagrada, Lu), temos o tipo designativo arcaico, quer dizer com o determinado conservado; em *Abuli*⁷ (Prados, O), *Abol* (Campo, Lugo), port. *Aból* (Penafiel, Porto), bem como gal. *Aboy*⁸ (1. Casa de Naya, Antas de Ulla, Lu; 2. Cesar, Caldas de Reyes, Po), o tipo elíptico, ou seja apenas o determinante, com determinado —em princípio *villa*— subentendido. O que merece a nossa particular atenção, é o quintuplo tratamento fonético sofrido pela terminação *-ólī* (é sabido que os nomes, comuns e próprios, latinos formados com a ajuda do sufixo *-iōlus* deslocaram, no latim vulgar, o acento da antepenúltima para a penúltima: *-ólo*, com absorpção da semivogal *-i-*), numa área relativamente reduzida, onde vamos encontrar,

páginas pronta a sair no Carl Winter-Verlag, Heidelberg, 1975, sob o título de *Hispano-gotisches Namenbuch*, abrangendo, na sua contextura, a antroponímia e a toponímia, medieval e moderna, da Península.

⁶ Devem entender-se por esta expressão não só os elementos onomásticos do fundo primitivo latino, impregnado de reminiscências etruscas, mas também os muito heterogêneos elementos que, na latinidade tardia, principalmente, e procedendo, além de outras fontes, do hebraico e grego bíblicos, vieram alterar profundamente a fisionomia onomástica clássica, abrindo o caminho a inovações de carácter popular-vulgar e à substituição definitiva, em época bárbara, do sistema rígido dos "tria nomina" pelo nome único, individual, que vem a ser a norma nos séculos do enraizamento dos nomes de senhorios rurais. Por constituírem uma categoria "sui generis" de antropo-topónimos, os hagio-topónimos pedem um estudo à parte, embora também os santos patronos se possam considerar os donos das igrejas da sua invocação, o que se traduz pelo mesmo genitivo possessivo, referido a *ecclesia*, a que se alude acima. Ver a este respeito o estudo do autor *Os nomes dos santos tradicionais hispânicos na toponímia peninsular*, sep. de *Biblos*, vols. XXV, XXVI, Coimbra, 1950, que deixa o campo ainda largamente aberto a investigações futuras.

^{6a} Carmen Bobes refere-se de passagem a este nome em *Toponímia Asturiana*, Archivum XII (1963) p. 439, interpretando o segundo componente como remontando a *avolii*, suposto protótipo morfologicamente suspeito.

⁷ É esta a grafia que consta do *Nomenclator* de 1925, ao passo que o de 1950 dá a acentuação *Abuli*, que não parece ser a verdadeira.

⁸ Embora existam nomes de lugar galegos compostos com *boi* 'buey', como *Boimorto* e *Meijaboy*, não é evidentemente este o caso de *Aboy*, onde se trata de homofonia puramente casual, assim como *Abol* nada tem que ver com o adj. ant. *abol* 'mau'.

como resultados da matização do referido nexa, as variantes *-uli/-ule/-olle/-ol* e *-oy*. Nas duas primeiras, deu-se a inflexão do *-o-* tónico sob a ação do *-i* longo final^{8a}; na terceira, este *-i* deixou intacto o *-ó-*, mas palatalizou o *-l-*⁹; na quarta, a vogal final emudeceu simplesmente, sem deixar traço da sua existência, ao passo que, na quinta variante, ou seja em *Vilaboy* (Valdovinho, C) e *Villaboy* (Monfero, C) e o já referido *Aboy*, o *-l-* intervocálico deixou de articular-se antes de o *-i* sucumbir, passando a vogal tónica a formar ditongo com este. Merece a pena chamar também a atenção para os casos, em que o *-i* final, principalmente na área asturo-lucense, se manteve inalterado até hoje, apesar de átono, como em *Abuli*, quando o seu resultado normal hispano-românico é *-e*. Estamos convencidos de que se trata de um autêntico arcaísmo fonético, e não de uma reconversão secundária de *-e* para *-i*.

O conjunto de topónimos, que encabeça este artigo, põe ainda outro problema, um tanto imprevisito, que é o da etimologia do medieval *Aviolus*, de tão rica difusão toponímica. Sendo homófono do nome comum *AV-IŌLUS* = cast. *abuelo*, gal. *abó*, port. *avô* (ant. *avoo*), não ha, em princípio, nada que se oponha a que identifiquemos também semânticamente aquelas duas formas, interpretando *Aviolus* como sendo originariamente um nome de deferência e respeito, dado a anciãos; explicação muito plausível se pensamos em antropónimos, também medievais, como *Senior-inus*, *-ellus*, *Maior-inus*, *-ellus*, *Domninus*, *-ellus* e outros, que implicam uma noção análoga. Existe, porém, uma diferença. É que os nomes individuais, que acabámos de apontar, correspondem a cognomes latinos bem atestados em época romana, o que não acontece com *AVIŌLUS*¹⁰. Em contrapartida, é bem conhecido o cognome de homens (!) *AVIOLA*, usado por indivíduos pertencentes principalmente às "gentes" (linhagens) *ACILIA* e *CALPURNIA*, linhagens que possivelmente teriam intervindo na romanização das terras galaicas, e cujo cognome, de longinqua ascendência etrusca (?), teria sido confundido com o vulgarismo **AVIOLA* (= *AVUS/AVŪLA*) = gal. *aboa*, port. *avó*, cast. *abuella*, e consequentemente com o masc. **AVIŌLUS*. Evidentemente que esta nossa ideia não passa de uma simples hipótese. No entanto, não nos parece que ela vem complicar inutilmente um problema que, à primeira vista, se resolve satisfatoriamente no sentido primeiramente aludido, mas que, na realidade, atrás da difusão antiga dos descendentes antigos de *AVIOLUS* na toponímia astur-galega, existe um problema de colonização, que remontaria à própria época romana, e que pede —o que não é possível neste contexto— ser estudado à luz dos elementos proporcionados sobre onomástica hispano-romana por outros investigadores¹¹.

^{8a} A mesma metafonía observa-se no genit. port. ant. *Abul* a. 968, em contraste com *Avolo* a. 1003, patron. *Avoliz* a. 1059, formas consignadas no *Onomástico* de Cortesão.

⁹ É um fenómeno que conhecemos principalmente dos nomes em *-ELL(I)US* (*VITELLI* > *Vidille*, *PORCELLI* > *Porcelle*, etc.).

¹⁰ Verdade seja que W. Schulze cita, a pág. 565, nota 3, de *Zur Geschichte lat. Eigennamen*, um C. *AVIOLUS SECUNDUS*, de localização duvidosa. Refere-se este autor ainda às estirpes dos *CARSIOLI* e *CARIOLI*, formas extraídas dos gentilícios *CARSII* e *CARII*.

¹¹ Refiro-me em especial aos trabalhos de A. Tovar, A. Palomar Lapesa, M. L. Albertos Firmat e J. Untermann.

O profundo arraigamento de AVIOLUS/*AVOLUS na onomástica galaico-latina manifesta-se também no seu derivado AVOL-ĪNUS (cf. p. ex. *Abolinus* a. 980, num. doc. de Lorvão, DC 25), que se progagou em *Abuín*, nome de 6 lugares galegos (1. Corgo, Lu; 2. Pedreda, Lu; 3. Lugo; 4. Meaño, Po; 5. Rianjo, C.; 6. Santa Comba, C.), além da variante *Abuime* (1. Pantón, Lu; 2. Saviñao, Lu). Tem uma frequência sensivelmente igual a parelha portuguesa *Aboim* (cf. ant. *villa Abolini* e *S. Maria de Avoim*, etc.), referida em NP art. 1. Ponho hoje de parte a outra hipótese, aí expressa, de *Abolinus* se poder prender com o gr. ἄβουλος 'abúlico', ou seja um "nomen humilitatis" cristão comparável, p. ex., a ALOCUS.

Esqueceu-nos fazer observar que também o caso comum (oblíquo), correspondente ao acusativo AVIOLŪ(M), pervive, embora em raros casos, na toponímia hodierna. É o que se vê pelo gal. *Abó* (Lumear, la Teijeira, Or) e o port. *Avô* (1. Oliveira do Hospital, Coimbra; 2. Castro Daire, Viseu).

2. AMBOADE - AMBOAJE

Foi com ponto de interrogação que, no § 16 do nosso trabalho sobre os nomes de "possessores", associámos *Amboaje* (Ribadulla, Santiso, C) com *Amboade*, nome de três terras galegas (1. Seavia, Coristanco, C; 2. Vilaño, Laracha, C; 3. Vilar de Ortelle, Pantón, Lu), subordinado ao lema AMBULĀTUS, atestado p. ex. num documento de 957, procedente do mosteiro português de Lorvão. Embora perfeitamente admissível fonológica e semanticamente, encarámos no § 172a outra alternativa, com iguais ou maiores visos de probabilidade. Trata-se de INVOLĀTUS, cognome que já figura como nome de um abade e de um bispo, de Tarragona (escrito IMBOLATUS) nas actas dos concílios (Toledo a. 688 e a. 693, respectivamente; cf. José Vives, *Concilios Visigóticos*, 19,26; 34,26 e 36,39). Em contrapartida, falta nesta vasta colecção um testemunho de AMBULĀTUS, o que porém não é argumento decisivo contra o suposto enlaçamento de *Amboade* com este nome pessoal. A preferência dada a INVOLĀTUS provém do facto de *Amboade* n.º 3, na prov. de Lugo, aparecer documentado, entre outras, com as formas de *Embolad*, séc. VIII (?), *villa Euolati*, séc. IX, e *Envoade*, séc. XIII (1222), segundo bem viu Olanó Silva, RDTP X (1954), p. 191. Acresce que também em terras portuguesas ocorre, nas Inquirições de 1258, pág. 434, a forma *Envoadi*, com *en-*, a condizer com o IN- de INVOLĀTUS. Quanto ao gal. *Amboaje* (cujo -j- calculamos dever ler-se -x-), é de ver que se trata de variante local, aberrante, de *Amboade*, ou seja de uma (*vila*) *Involati/Involadi*, cujo -i final palatalizou o -t/-d-.

Uma palavra ainda, para concluir esta nota, sobre o semantismo de AMBULĀTUS e INVOLĀTUS, cognomes latinos diferentes, na sua origem, embora possam ter-se confundido na sua evolução em galego. Segundo já sugeriu Meyer-Lübke, *Romanische Namenstudien II* (1917), p. 40, AMBULĀTUS, partic. perf. de AMBŪLĀRE, deveria tomar-se em sentido activo: "o que andou (muito)", "o peregrino" (cf. o próprio lat. PEREGRĪNUS). No que toca a INVOLĀTUS, pensamos num nome de inspiração mística: "o que se envolveu (evolou)", ou melhor, passivamente, "que foi arrebatado" (pela fé, p. ex.), explicação que nos parece mais plausível que a concreta de "o raptado". É

possível que o nome medieval *Rapinato*, que se perpetuou no topónimo português *Revinhade* (freguesia do conc. de Felgueiras, distr. do Porto; cf. n.º 347 do estudo acima referido) se explique numa perspectiva semântica semelhante. Em Roman. Namenstudien I (1904) p. 67, Meyer-Lübke observava simplesmente que duvidava de uma possível origem germânica de *Rapinato*.

3. AVAZAY E ORBAZAY

Segundo A. García Conde, Bol. de Lugo t. IV, n.º 36 (1951), p. 246, *Avazay* é nome de um despovoado do município de Meilán. A sua identificação, aí feita, com a antiquíssima *villa Avezani*, mencionada no segundo dos preciosos e tão discutidos documentos relativos às presuras levadas a cabo pelos homens do bispo Odoário de Lugo, no séc. VIII, não sofre a menor dúvida. O nome do fundador da "villa" respectiva, *Avezano* = AVITIANUS, corresponde a um cognome latino bem atestado¹² e tirado de outro cognome, AVITUS¹³. Em território português temos, como resultantes do aludido genitivo possessivo, ou seja AVITIANI, os topónimos *Abeção* (conc. de Monção) e *Abação* (Guimarães) = *villa Avezani* a. 1014 e 1058. Nesta última variante, reconhece-se o mesmo fenómeno assimilatório (-e < -i- átono > -a-), que caracteriza *Avazay*. Por outro lado, o duplo reflexo da desinência latina -ANĪ, reduzida ora a -ay (-ai), ora a -an = port. -ão, explica-se pela circunstância de, segundo as regiões, o emudecimento do -n- intervocálico ter precedido o do -i final, ou de se ter produzido o fenómeno inverso, garantindo a integridade do -n em situação final¹⁴. Trata-se de um dualismo fonológico que se observa também em antroponímicos com base em -ŌNIUS, -ŌNĪ, como se vê pelo gal. *Frontoy* (Vilarino, Castroverde, Lu) frente a *Frontón* (Pantón, Lu)¹⁵. Veja-se também no primeiro artigo a parelha -oy/-ol em relação ao lat. AVIOLUS, -Ī.

Associamos à história de *Avazay* a de *Orbazay*, nome de uma paróquia situada também nas imediações de Lugo, a qual revela a mesma estrutura fonética, e de que existe a variante *Orbazán*, no mun. de Villalba. No meu estudo Nomes de possessores, art. 431, subordinei estas formas ao lema *URBATIANUS, etimologia que pede uma ligeira rectificação, pois, sempre pertencendo aos numerosos gentílicos latinos que giram à volta do tema URB-¹⁶,

¹² Cf., p. ex., o *Thesaurus* e I. Kajanto, *The latin cognomina* (1965), pp. 103 e 304. Ver também NP, art. 60.

¹³ J. Untermann, a págs. 65-66 do seu *Atlas antroponímico de la Hispania antigua*, refere-se a 62 testemunhos epigráficos de AVITUS, indicando no mapa 14 a sua repartição geográfica.

¹⁴ Poderia ver-se uma contradição ao que acabámos de dizer no facto de a antiga *villa Manilani*, que figura no mesmo contexto odoriano, apresentar hoje a forma *Meilán*, e não **Meilay*, como seria de esperar. A resposta a esta dúvida é simples. Morfológicamente considerada, **Manilani* não é forma legítima, pois a única flexão admissível em nomes visigodos em -a é a "fraca", ou seja *Manil-anis* no genitivo, e *Manil-ane(m)* no oblíquo, desinências que se reflectem em *Meilás*, por um lado, e *Meilán* / *Meilá*, pelo outro; ver as minhas Notas de toponímia galega, n.º 24, pp. 69-70.

¹⁵ Cf. *Notas de toponímia galega*, p. 59 s.

¹⁶ Ver Schulze, p. 381: URB-INIUS, -ENIUS, -ICIUS, -ANIUS, e -ASIUS.

é de *URBICIĀNUS*, dependente de *URBICIUS*, que se deve derivar, atendendo não só à forma medieval *Orvezani* a. 998¹⁷, com *-e-*, mas também ao facto de aquele cognome estar efectivamente atestado na Antiguidade¹⁸, o que não acontece com um hipotético, e também formalmente suspeito **URBATIĀNUS*. Escusado será chamar a atenção para o paralelismo da evolução do *-e-* átono medieval, procedente do *-i-* latino, para *-a-*, que se observa em *Avazay* em confronto com *Orbazay*.

4. BARBAÍN, BARBARÍN, BARBALÍN

É bastante transparente a origem deste antroponímico, que ocorre nada menos de quatro vezes na toponímia galega: 1. Vigo, Cambre, C; 2. Noceda, Incio, Lu; 3. Bóveda, Lugo, Lu; 4. San Félix, Muja, Lu. Entronca-se, sem dúvida possível, no nome de um ou mais proprietário(s) denominado(s) *BARBARĪNUS*, na forma do genitivo possessivo *BARBARĪNI*, segundo se vê pela abonação antiga *villa Barbalini*, do ano 1120, referente ao n.º 3 ou 4 dos lugares acima registados, e proporcionada por Olano Silva, RDTP X (1954), p. 193. *Barbaín* tem, pois, a mesma origem que *Barbarín*, nome de um município de Navarra, do qual difere apenas devido ao fenómeno dissimilatório, já antigo, *-r-/-r- > -r-/-l-*, com emudecimento normal do *-l-* secundário, análogo ao que se produziu no nome da antiga metrópole minhota de BRACARA, que através dos elos, atestados, de *Bracala* e *Bragaa*, enveredou para a forma moderna *Braga*. É possível que uma ou mais das quatro referidas terras tenham pertencido originariamente ao "possessor" chamado *Varvarinus*, que figura como testemunha numa carta de venda de 827, publicada por Emilio Sáez, em Documentos gallegos inéditos del periodo astur, AHDE XVIII, p. 412.

O cognome latino: "inde ab Angusti aetate inventum" (Thesaurus) *BARBARĪNUS*, de carácter étnico geral, consta de CIL XVIII 5887 e XI 6712, 72, formando grupo com outros derivados como *BARBARIANUS* e *BARBARIO*; cf. Kajanto, The latin cognomina, p. 313.

Diga-se ainda que o ant. *Barbadin*, nome de um afluente do rio Narceia, ao qual se refere um documento do mosteiro de Cornellana, de 1126 (ver a edição respectiva de António Floriano, p. 213), corresponderá antes a *Barbalín*, com troca não insólita de *-l-* para *-d-*, do que a um rio **BARBATĪNI*, derivado do nome pessoal *BARB-ĀTUS*.

5. B E D R O B E

Num estudo particularmente fecundo sobre o sufixo *-obre*, Abelardo Moralejo¹⁹ insere *Bedrobe*, nome de uma aldeia da paróquia de San Xian (Julián) de Cabaleiros, ayunt. de Tordoya, C, numa secção de casos menos seguros quanto à identidade do elemento final respectivo com o sufixo

¹⁷ No *Bol. de Lugo*, VIII, p. 192.

¹⁸ Em CIL III e VIII, segundo Kajanto, *Lat. Cognomina*, p. 31.

¹⁹ *Sobre los nombres toponimicos gallegos en "-obre" y sus afines*, in *Estudios dedicados a Menéndez Pidal*, t. III (Madrid, 1952), pp. 135-157. A pág. 141 s., sugere uma possível relação com *Bedro/Bedros* ou *Bedoja/Bedoya*. Na primeira alternativa, Moralejo pensava sem dúvida ao gal. *vedro*.

preromano em causa, do qual reune, a completar o conhecido estudo de Menéndez Pidal²⁰, nada menos de 30 exemplos, referentes a 48 lugares diferentes, incluindo os antigos. Não sendo de excluir, em princípio, a hipótese de a forma primitiva de *Bedrobe* ter sido **Bedobre*, tenho a impressão de que as hesitações do meu prezado colega e amigo de Santiago não deixam de se justificar, pois existe uma hipótese que fonológica e historicamente se apresenta com maior insistência e naturalidade, que é o gentílico VETROVIUS/VITROVIUS²¹, forma cujo genitivo nos conduz sem violência a *Bedrobe*. Já sabemos que qualquer gentílico da Antiguidade se pode converter, na época tardia, em nome individual, depois do colapso do tipo onomástico clássico dos "tria nomina", com ou sem outros elementos eventualmente acessórios.

Quanto ao aspecto fonético, basta, para justificar a evolução do v- para b-, invocar, p. ex., o gal. *bedro* 'estivada' < *VETĒRU (=VETĒRE) ou o ast. *Bedriñana*, variante de *Vedriñana*²². No que respeita ao vocalismo, pode causar estranheza a não-inflexão do -o- de VITROVIUS para -u-, sob a acção do -ī final de um suposto (VILLA) VITROVĪ, mas trata-se de um desses acidentes que não se produzem com absoluta regularidade, segundo revela p. ex. o gal. *Oroje* < (VILLA) OROSII, de que tratámos noutra ocasião. Também o cast. *Villorobe*, mun. de Burgos, oriundo de OROBIUS, -OBII²³, serviria de termo de comparação.

6. BRIABI

Nome de duas entidades vizinhas, situadas no mun. de La Cañiza, na prov. de Pontevedra —uma pertencente à freguesia de Parada de Achas, a outra à de La Cañiza—, *Briabi* vem a ser um curioso exemplo de como pôde sobreviver um cognome latino de inspiração da mais pagã que se pode imaginar. Embora sem apoio em testemunhos medievais, possivelmente não existentes, não hesito em reconhecer em *Briabi* um nome individual *PRIAPIUS, adaptação do gr. Πριάπιος, ou seja um derivado da divindade fálica Πριάπιος, lat. PRIĀPUS. Infelizmente, não dispondo de todas as fontes bibliográficas relativas ao onomástico latino, que seriam necessárias, não posso apresentar uma abonação antiga de *PRIĀPIUS, o qual, no entanto, se associaria sem dificuldade a cognomes teóforos como HERCULIUS e MERCURIUS, p. ex., não obstante se poder inferir unicamente com base no topónimo galego e, evidentemente, no seu protótipo grego. A etimologia, que aqui sugerimos, poderá parecer aventurosa com vista à base relativamente frágil em que assenta, mas analisado no ponto de vista da fonologia histó-

²⁰ *El elemento -obre en la toponimia gallega*, in CEG, II (1946), pp. 1-6.

²¹ Ver Schulze, p. 191. Escusado será lembrar a este propósito o famoso arquitecto e engenheiro romano VITRUVIUS POLLIO.

²² Cf. Piel, NP art. 461 e Carmen Bobes, *La toponimia romana de Asturias*, Emerita XXIX (1961), p. 265.

²³ Esta etimologia, dubitativamente encarada em NP art. 29, confirma-se através do testemunho antigo de *villa de Orobi* a. 863; cf. Antonio Floriano, *Diplomática esp. del periodo astur I*, p. 317. A origem do lat. OROBIUS deve buscar-se, evidentemente, no gr. Ὀρέβιος 'que vive na montanha'; cf. o Dicionario de Pape-Benseler, que averba esta forma como nome de um centauro.

rica, *Briabi* parece-me absolutamente transparente no sentido da explicação proposta, podendo só haver dúvida se PRIAPIUS deve tomar-se no sentido teonímio, 'o afecto ao culto desta divindade', ou no do nome comum derivado, PRIAPUS = 'órgão masculino', tornado alcunha caracterizadora e comparável, p. ex., com "signa" pertencentes à mesma esfera sexual como VERPATUS, PENIS e CUNNUS (cf. Kajanto, p. 226). O -i final de *Briabi* é, como já se viu a propósito do ast. *Abuli* (cf. n.º 1 desta série), uma característica inconfundível de antiquíssimos antrotopónimos. A sonorização do -P interno de *PRIAPIUS para -b- é um fenómeno banal, normalíssimo, a do -p-, no nexa PR-, produz-se esporadicamente, como se vê p. ex. do top. *Bruicedo* (Fonsagrada, Lu) < lat. PRŪNICĒTUM e de outros derivados de PRŪNUS, como *Bruñeira(s)*, -eiros, *Bruñido* (-ETUM), etc. Acresce que, no caso de *Briabi*, o -b- inicial pode também ter surgido, na fase evolutiva **Priabe*, por assimilação ao -b- interno.

7. CESAR, CEZAR, SEZAR E CÉSAR

Estas quatro formas toponímicas, que se distribuem sobre oito lugares galegos e um português, implicam um problema, que não cheguei a considerar convenientemente, quando em NP, § 84, sob o lema CAESARIUS, admiti que não só as formas com acentuação aguda, *Cesár* (1. Calvos, Touro, C; 2. Teo, C; 3. Oliveira de Azeméis, Aveiro), *Cezár* (1. Lagostelle, Trasparga, Lu; 2. Curtis, Vilasantar, C) e *Sezár* (Calvos, Arzua, C), mas também as três terras chamadas *César* (1. Boiro, C; 2. Caldas de Reyes, Po; 3. Sarria, Lu) se entroncariam no conhecido cognome latino CAESARIUS, cuja sobrevivência na idade média se comprova através de testemunhos como *Cesario* 951, *Ceseiro* 1038, *villa Cesari* (*Zesari*) 1098 e outros, averbados no Onomástico de Cortesão. Pensei então que *César* não passaria de uma simples variante artificiosa de *Cesár*, sugerida pelo nome próprio *César* = lat. CAESAR. Esta explicação quer parecer-me hoje um tanto precipitada e simplista, atendendo a que existe outra interpretação que dê conta da aludida discrepância de acentuação. Refiro-me a um antroponímico pertencente ao fundo pré-latino, mencionado por Apiano (1.º séc. a. Cr.) como sendo nome de um lusitano, e que o autor grego transcreve Κάισαρος, forma confirmada por testemunhos epigráficos da época romana como CAESARUS, CAISARUS, CAESARO, etc., a maioria circunscrita ao noroeste da Península; ver os trabalhos de M. Palomar Lapesa p. 56, Albertos Firmat e J. Untermann²⁴. A confirmar-se esta hipótese, teríamos no triplo topónimo galego *César* um dos poucos exemplos da sobrevivência de um nome pessoal pré-latino, com grande probabilidade celta. Com efeito, é raro poder-se relacionar um antrotopónimo medieval ou moderno galego com determinado elemento do substrato pré-romano que consta da relativamente rica tradição epigráfica galaica. À medida que a romanização progrediu, deve ter havido da parte das populações indígenas um repúdio quase total da sua onomástica patrimonial, que ficou submersa pela latino-cristã e, mais tarde, a visigoda. É natural que, com o tempo, os dois tipos onomásticos se tenham confundido,

²⁴ Ver o mapa 23, p. 81, CAESARUS, do seu sempre útil *Atlas antroponímico*, já acima citado a propósito de *Avazay*, nota 13.

sendo pena que certas abonações medievais como *Cesari* (cf. Olano, CEG X, p. 198) não deixem entrever a acentuação. Sobre a possível etimologia (celta?) de CAESARUS ver Palomar Lapesa, p. 56.

8. E S T Á S

A paróquia de *Estás*, da invocação de Santiago, situa-se no mun. de Tominho, Po, na proximidade da foz do rio Minho. Há bastantes anos, o amigo J. Lorenz Fernández informou-me que este topónimo vinha averbado com a forma antiga *aastas* num testamento de 1198 (A. H. N. Oya Pw 30), e com a de *Astas* noutro documento, de 1232 (ibid. P-74). Como bem sugeriu o meu amável informador, estas abonações antigas levam-nos infalivelmente a um genitivo "possessoris" de ANASTASIUS, "nomen christianum usurpatum vix ante saec. III", segundo reza o ThLL. Trata-se evidentemente do gr. Ἀναστάσιος, "o Ressuscitado", de carácter cristão transparentemente simbólico, o qual compreensivelmente vem a ser um nome tardio na própria tradição grega; cf. o Dicionário de Pape-Benseler. Outro nome em -ASUS, -ASÍ sobrevive no hagiotopónimo *Santervás* (quatro terras: So 2, Va, P.; cf. NS^{24a} § 65) < *ecclesia Sancti gervasii*. A dissimilação a-/a- > e-/a dispensa qualquer comentário, tanto mais que o nexa inicial *ast-* átono tem a natural tendência de mudar-se em *est-*; cf. p. ex. os numerosos topónimos galegos ascendentes, no primeiro componente, ao visigodo AST(R)- "brilhante", como *Esteriz*, *Estragiz*, *Estramil*, etc., estudados no nosso *Hispano-gotisches Namenbuch* (cf. nota 5) § 27/12, 27/5, 27/10, etcétera.

9. L O R

Trata-se do nome de um rio do sudeste da província de Lugo, afluente esquerdo do Sil, o qual entra apenas expletivamente em nomes de lugares como *Quinta de Lor*, *Carballo de Lor*, *Barja de Lor* (nos ayuntamientos de Quiroga e Puebla del Brollón, respectivamente), e possivelmente outros. Segundo apurou Emilio Sáez²⁵, *Lor* figura, com a forma antiga *Laure*, num documento do rei Sancho Ordóñez, do ano 928, e no contexto *uillas in Laure*, assim como, segundo Olano Silva²⁶, num privilégio de Ordoño II, onde se lê *in ripa Laure*. A primeira destas expressões faz antes pensar num nome de território do que de rio, não obstante a segunda fórmula. Seja como for, ha toda a probabilidade de estarmos em presença do cognome LAURUS ou LAURIUS, na forma do genitivo LAURI(i), merecendo a primeira alternativa a nossa preferência pela simples razão de LAURUS abundar na tradição onomástica latina, o que não é o caso de LAURIUS²⁷.

Afigura-se-me que, no nosso caso, o denominado LAUR(i)US deveria ser dono de um vasto latifúndio, uma VILLA LAURĪ, banhada pelas águas do rio

^{24a} Esta sigla refere-se ao nosso estudo citado na nota n.º 6.

²⁵ *Notas y docum. sobre Sánchez Ordóñez, rey de Galicia*, CHE, 1949, p. 87.

²⁶ RDTIP, X (1954), p. 206.

²⁷ Parece existir apenas o testemunho a que se refere Kajanto, *ob. cit.*, p. 334. Em princípio, o top. astur. *Loriana*, pronúncia local *Lloriana*, se explicaria como remontando a uma VILLA romana LAURIANA, se as abonações antigas *Floyrana*, etc., não pedissem imperiosamente a etimologia v. FLORIANA, quer dizer um derivado de FLORUS ou FLORIUS, segundo mostrou C. Bobes, *Emerita XXVIII*, p. 272.

que perpetuou o seu nome. Não me refiro, pelas razões que vamos ver, ao período medieval da Reconquista, mas ainda à própria época tardia romana ou, eventualmente, à época visigoda. É um elemento numismático que me sugere esta hipótese, sem o qual ela seria gratuita. Com efeito, numa moeda cunhada sob o reinado de Sisebuto (612-621), lê-se o nome da "ceca" respectiva, que é precisamente *Laure*. Infelizmente, trata-se de um exemplar único, cuja legenda, afora a do referido monarca visigodo, não volta a aparecer noutros cunhos, o que levou W. Reinhart a um cauteloso ponto de interrogação, motivado também pela circunstância de ele não ter visto pessoalmente a peça referida, mas de a conhecer apenas através de uma informação de Pio Beltrán²⁸. Ora é fácil de ver que esta informação, que permite incluir um *Laure* entre os 37 (!) lugares da Galiza, onde se cunharam moedas na época visigoda, não pode deixar de ser exacta, pois vem a ser confirmada pelo *Laure-Lor* que aqui nos ocupa, cuja localização exacta no âmbito do rio Lor não deveria aliás ser tarefa impossível à arqueologia²⁹. Farei ainda observar que o topónimo português (São João de) *Loure*, do concelho de Albergaria a Velha (distr. de Aveiro), que manifestamente assenta no mesmo cognome latino que *Lor*, não entra em linha de conta por se encontrar longe da área das cecas galaico-visigodas.

10. PIN, DUMPIN, VILAPIÑOL, PIÑOR, DOMPIÑOR, PIÑOY, PINLLE, PIÑÓN

Prende-se esta numerosa linhagem de topónimos galegos, directa ou indirectamente, com um cognome latino *PINIUS* (cf. p. ex. *AURELIUS VICTOR PINIUS*, no *Onomasticon* de J. Perin), cujo genitivo explica sem dúvida o nome de lugar *Pin* (1. Navia de Suarna, Lu; 2. Albeos, Creciente, Po). Que se trata de nome de pessoa, e não de fitónimo, vê-se por *Dumpín* (S. Eulalia, Castro de Rey, Lu) = ant. *Dompín* 1062 (cf. Olano, RDTP, X, 201), com *DOMINUS* como primeiro componente³¹. Na qualidade de gentílico, ou seja a primitiva, *PINIUS* é averbado, como sendo de origem incerta, por Schulze p. 133, mas não sofre dúvida que, como cognome, se deveria relacionar com *PINUS* 'pinheiro'. Não deixaria de seduzir a ideia de que foi

²⁸ Remeto para Reinhart, *Die Münzen des westgotischen Reiches*, Deutsches Jahrbuch für Numismatik III-IV (1940-41), p. 101 (sinopse das cecas visigodas referentes à Gallaecia).

²⁹ Tive recentemente a ocasião de chamar a atenção para a identidade de *Mánduas* (Silleda, Po) com o lugar de cunhagem de *Mandolas*, que consta de três espécimes numéricos visigodos, e de um do chamado "Parochiale" suevo; cf. *Grial*, núm. 48 (1975).

³⁰ Evidentemente que não deixei de examinar a possibilidade de *Laure-Lor* se prender com o fitónimo respectivo, *LAURUS-louro*, cuja família toponímica estudei em *Litterae hispanae et lusitanae*, ed. H. Flasche (1968), pp. 341-344, chegando a uma conclusão negativa.

³¹ Existem outros nomes de senhorios, precedidos de este título, como *Donalbán* e *Donalbay* (*domini Albani*), *Donepedre* (*domini Petri*), *Dombodán* (?), *Donlebún* (?), *Donfreán* (*Fredenandi*?), *Donsión* (*Silo, -one*), etc., característicos da paisagem toponímica galega. Acontece que a evolução fonética torna irreconhecível, na sua forma moderna, um nome medieval composto com *dom-*, como em *Diomonde* (Saviñao Lu) < *Domni gemondi* 976, etc.; cf. Olano X, 200.

o simbólico *verde pino* galaico-português, cantado pelo rei Dom Dinis³², que fez a fortuna do muito difundido nome pessoal medieval *Pin-iolus*³³, (com um sufixo de matiz certamente afectivo), subjacente aos topónimos actuais *Vilapiñol* (Cereijido, Fonsagrada, Lu), *Piñor* (1. Agrón, Ames, C; 2. Furelos, Melide, C; 3. Sta. Leocadia, Castro de Rey, Lu; 4. Gondulfe, Taboada, Lu; 5. Barrán, Or), *Dompiñor* (1. Piñeira, Ribadeu, Lu; 2. Incio, Lu; cf. ant. *villa Dumpiniol* 1124)³⁴ e *Piñoy* (1. Covelo, Po; 2. Cadós, Muíños, Or) = port. *Pinhoi* (Arões, Fafe, Braga), que difere do seu homólogo galego apenas pela grafia.

São, como se vê, nada menos de três os resultados fonéticos do nexa -(i)ÓLI: -ol, -or e -oy/-oi, sendo o primeiro e terceiro conformes com *Abol*³⁵ e *Aboy*, estudados na primeira das presentes achegas, enquanto que a segunda realização evoca o caso inverso de *prior* > *priol*. Poder-se-ia também pensar, no que respeita a *Piñor*, numa interferência de termos comuns em -or, mais particularmente de *peñor*.

Falta ainda apontar dois outros topónimos, que se prendem com *PINIUS*, ou seja *Pinlle* (Brandariz, Carbia, Po) e *Piñón* (1. Zaparán, Cortegada, Or; 2. Barquera, Cerdido, C). O primeiro apresenta uma estrutura fonética, que faz imediatamente pensar numa *villa* **Pinelli*, com o sufixo -ELLUS³⁶ a funcionar analogamente a -IOLUS. No tocante a *Piñón*, tem esta forma a sua correspondência perfeita no port. *Pinhão* (Torre e Rio de ~, Sabrosa, Vila Real), que P. Cunha Serra admitiu ascender a **PINIUS*, -ONIS (cf. RPF, VI, 1954, pp. 214-216). Que se trata efectivamente de um primitivo nome de pessoa, infere-se com evidência de formas patronímicas como *Pinionizi* 1061 e *Pignoniz* 1131. Resta apenas saber se, excluída a hipótese de um genitivo, *Pinhão/Piñón* se deverá explicar com sendo oriundo do obliquo latino **PINI-ONE(M)*, ou não será antes indicado pensar num nome comum **PINIUS*, -ONE = port. ant. **pinhom*, forma que, a avaliar pelo testemunho de ant. *Pinhom verde*, nome de um casal, com data de 1258 (cf. OM e Elucidário), se deveria referir a determinada espécie ou tamanho de pinheiro, condicionando também *Caspiñon* (Moreiras, Pereiro de Aguiar, Or), com *cas* = *casa*, elemento proclítico tipicamente galego. A formação, hipotética, de um nome pessoal **PINIUS*, com base em *PINUS*, não corresponderia, aliás, exactamente à de *NASO*, de *NASUS*, *CATO*, de *CATUS*, etc., exemplos invocados por Serra, fazendo antes supor uma derivação paralela, vinculada a *PINIUS*, ou, segunda

³² Numa cantiga de amigo, das mais conhecidas: *Ai flores, ai flores do verde pño / Se sabedes do meu amigo / a Deus, e u é?* (ed. J. J. Nunes, n.º XIV). Lembrarei também o port. *pimpolho* 'rebento', fig. 'rapazote' < *pini-püllus*, de que tratei em Misc. de etimologia portuguesa e galega, 1953, pp. 244-246.

³³ Cf. OM *Piniolo* 938, *Pignolo* 952, *Pinniulus* 1067, *Pigniulus* 1077, *Pin(n)olo* 1047, *Pinnoo* 1079, patron. *Pinoizi* 1090, *Pinoiz* 1258, etc.

³⁴ No *Cartulário de Cornellana*, ed. A. C. Floriano (1949), p. 191.

³⁵ A forma -ol vem a ser a realização mais normal, pois é a única a ocorrer nos casos de *Aureolus* / *Auriolus*: gal. *Ourol* e *Orol*, port. *Eirol* e *Montariol* (ver NP § 50) e *Ferreolus* (não averbado em NP), que explica, na minha opinião, o gal. *Friol* Lu.

³⁶ Trata-se do sufixo de longe o mais fecundo na formação de nomes pessoais da categoria que estamos a estudar, apresentando as formas actuais, derivadas do genitivo respectivo -elli, as variações -elle/-elhe, -enlle, -ille/-ilhe, -el, -il e cast. -iel, sendo a primeira a normal.

hipótese, a já aludida criação popular de um nome comum, *PĪNIO, -ŌNIS, tirado de PĪNUS como LAURIO de LAURUS, PORRIO de PORRUM, ou ACRIO de ACER, ACRIS (inovação lexical que se reflecta no gal. *agrión*, port. *agrião* 'berro')³⁷, etc., tornado secundariamente nome pessoal. Esta última alternativa parece merecer a preferência.

Evidentemente que, atendendo à difusão e importância económica do pinheiro (bravo e manso) no noroeste da Península, não podem faltar fitotopónimos respectivos, os quais, porém, apresentando características morfológicas particulares, dificilmente se confundem com os antroponímicos acima estudados, ou antes vice-versa. Refiro-me, abstraindo do comuníssimo *Piñeiro* / *Piñeira*, *Piñeiróa*, etc., a casos menos transparentes como *Pindo* < PĪN-ĒTUM³⁸, *Pinza* < PĪN-ĪCIA, *Pincelo* < PĪN-IC-ELLUM, *Pinzás* < PĪN-ICI-ALES, etcétera, que pedem um exame mais aprofundado.

ÍNDICE

<i>aastas</i> § 8	<i>Amboade</i> § 2	*AVIÖLUS § 1
<i>Abação</i> § 3	<i>Amboaje</i> § 2	AVITIANI § 3
<i>Abeção</i> § 3	AMBULĀRE § 2	AVITIANUS § 3
<i>abó</i> § 1	AMBULĀTUS § 2	AVĪTUS § 3, n. 13
<i>Abó</i> § 1	-an § 3	<i>Avô</i> § 1
<i>aboa</i> § 1	Ἀναστάσιος § 8	<i>avó</i> § 1
<i>Aboim</i> § 1	ANASTASIUS § 8	<i>avô</i> § 1
<i>abol</i> n. 8	-ANĪ § 3	<i>Avoim, S. Maria de</i> § 1
<i>Abol</i> § 1, § 10, n. 8	-ANIS n. 4	AVOL-ĪNUS § 1
<i>Abôl</i> § 1	-ão § 3	<i>avoli</i> n. 6
<i>Abolini, villa</i> § 1	-ASĪUS, -ASĪ § 8	<i>Avoliz</i> n. 8
<i>Abolinus</i> § 1	<i>ast-</i> § 8	<i>Avolo</i> n. 8
<i>Aboy</i> § 1, § 10, n. 8	<i>Astas</i> § 8	*AVOLUS § 1
<i>abuela</i> § 1	AST(R)- § 8	<i>avoo</i> § 1
<i>abuelo</i> § 1	<i>Aureolus</i> n. 35	AVŪLA § 1
<i>Abuime</i> § 1	<i>Auriolus</i> n. 35	AVUS § 1
<i>Abuín</i> § 1	AV-IÖLUS § 1	-ay (-ai) § 3
<i>Abul</i> n. 8	<i>Avazay</i> § 3, n. 24	BARB-ĀTUS § 4
<i>Abulí</i> § 1, § 6	<i>Avezani, villa</i> § 3	<i>Barbadin</i> § 4
<i>Abulí</i> n. 7	<i>Avezano</i> § 3	<i>Barbáin</i> § 4
ACER, ACRIS § 10	<i>Aviola</i> § 1	<i>Barbalín</i> § 4
ACRIO § 10	*AVIOLA § 1	<i>Barbalín, villa</i> § 4
ACRIO § 10 e nota 37	AVIOLUS, Ī § 1, § 3	BARBARIANUS § 4
<i>agrião</i> § 10	C. AVIOLUS SECUNDUS	<i>Barbarin</i> § 4
<i>agrión</i> § 10	n. 10	BARBARĪNUS, Ī § 4
<i>Albani, domini</i> n. 31	AVIÖLUS § 1	BARBARIO § 4
ALOGIUS § 1	<i>Aviolus, Avioī</i> § 1	

³⁷ Este exemplo insere-se nos outros derivados de ACRIO, forma atestada em glosas latinas, à qual se refere Giovanni Alessio na miscelânea *Etymologica*, Homenagem a W. von Wartburg, 1958, p. 13.

³⁸ Veja-se a contribuição do autor nas Actas do IX Congresso de Linguística Românica (Lisboa 1962), t. III, pp. 160 e sgs. Em princípio, o gal. *Vilapide* (Albeos, Crecente, Po) poderia explicar-se como oriundo de uma *villa* **pinēti*, ou seja 'do pinhal', sendo no entanto mais verosímil tratar-se de uma *villa* **Petri*, ou seja de forma divergente, com inflexão vocálica análoga a *Pires* = *Peres*, de *Vilapadre*, nome de três terras galegas.

*BARBATINI § 4
Bedoja n. 19
Bedoya n. 19
Bedriñana § 5
bedro § 5
Bedro n. 19
Bedros n. 19
Bedrobe § 5
 **Bedobre* § 5
boi n. 8
Boimorto n. 8
Bracala § 4
 BRACARA § 4
Braga § 4
Bragaa § 4
Briabi § 6
Bruicedo § 6
Bruñeira(s) § 6
Bruñeiros § 6
Bruñido § 6

 CAESAR § 7
 CAESARIUS § 7
 CAESARO § 7
 CAESARUS § 7, n. 24
 CAISARUS § 7
 CARI n. 10
 CARIOLI n. 10
 CARSII n. 10
 CARSIOI n. 10
cas' § 10
casa § 10
Caspiñón § 10
 CATO § 10
 CATUS § 10
César § 7
Cesár § 7
Cesari § 7
Cesari, villa § 7
Cesario § 7
Ceseiro § 7
Cezár § 7
 CUNNUS § 6

Dimonde n. 31
dom- n. 31
Dombodán n. 31
 DOMINUS § 10
Domnellus § 1
Domninus § 1
 **Dompin* § 10
Dompiñor § 10
Donalbán n. 31
Donalbay n. 31
Donepedre n. 31
Donfredán n. 31
Donlebún n. 31
Donsión n. 31
Dumpín § 10
Dumpiniol, villa § 10

Eirol n. 35
 -*el* n. 36
 -*elle* / -*elhe* n. 36
 -*elli* n. 36
 -ELL(I)US n. 9
 -ELLUS § 10
 EMBOLAD § 2
 -*enlle* n. 36
Envoade § 2
Envoadi § 2
 -*est-* § 8
Estás § 8
Esteriz § 8
Estragiz § 8
Estramil § 8
 -ETUM § 6
Euolati, villa § 2

Ferreolus n. 35
Floyrana n. 27
 FLORIANA, v. n. 27
 FLORIUS n. 27
 FLORUS n. 27
Friol n. 35
Frontón § 3
Frontoy § 3

Gemondi, Domni n. 31

 HERCULIUS § 6

 -*iel* n. 36
 -*il* n. 36
 -*ille* / -*ilhe* n. 36
 IMBOLATUS § 2
Involati (villa) § 2
 INVOLATUS § 2
 -(I)ÓLI § 10
 -IOLUS § 10
 -IÓLUS § 1

Κάισαρος § 7

Laure § 9, n. 30
Laure, in ripa § 9
Laure, villas in § 9
 LAURIANA n. 27
 LAURIO § 10
 LAURIUS, -I(I) § 9
 LAURĪ, VILLA § 9
 LAURUS § 10, n. 30
 LAURUS § 9
Loure § 9
louro n. 30
Lor § 9, n. 30
Lor, Barja de § 9
Lor, Carballo de § 9
Lor, Quinta de § 9
 LORIANA n. 27
Lloriana n. 27

Maior-ellus § 1
Maior-inus § 1
Mandolas n. 29
Mánduas n. 29
Manil-ane(m) n. 14
Manil-anis n. 14
Manilani n. 14
Manilani, villa n. 14
Meijaboy n. 8
Meilá n. 14
Meilán n. 14
Meilás n. 14
 **Meilay* n. 14
 MERCURIUS § 6
Montariol n. 35

 NASO § 10
 NASUS § 10

 -*obre* n. 19, n. 20, § 5
 -*ol* § 1, § 3, § 10, n. 35
 -ÓLĪ § 1
 -ÓLO § 1
 -*olle* § 1
 -ŌNĪ § 3
 -ONIS n. 4
 -ONIUS § 3
 -*or* § 10
Orbazán § 3
Orbazay § 3
Orobi, villa de n. 23
 Ὀρόβιος n. 23
 OROBIUS, -OBII § 5, n. 23
Oroje § 5
Orol n. 35
 OROSH (VILLA) § 5
Orvezani § 3
Ourol n. 35
 -*oy* § 1, § 3, § 10

 PENIS § 6
peñor § 10
 PEREGRĪNUS § 2
Peres n. 38
Petri, domini n. 31
 **Petri, villa* n. 38
Pigniolus n. 33
Pignolo n. 33
Pignoniz § 10
pimpolho n. 32
Pin § 10
 PĪN-ETUM § 10
 PĪN-IC-ELLUM § 10
 PĪN-ĪCIA § 10
Pin-iolus § 10
Pincelo § 10
Pindo § 10
 **Pinelli, villa* § 10
 **pīnēti, villa* n. 38
Pinhão § 10

Pinhoi § 10
**pinhom* § 10
Pinhom verde § 10
**PINI-ONE(M)* § 10
pinī-püllus n. 32
PINICI-ALES § 10
**PÍNIO, -ÓNIS* § 10
**PÍNIO* § 10
Piniolo n. 33
Pinionizi § 10
PINIUS § 10
Pinius § 10
PINIUS, AURELIUS VICTOR
 § 10
Pinlle § 10
Pinniolus n. 33
Pin(n)olo n. 33
Pinnoo n. 33
pino, verde § 10
Pinoiz n. 33
Pinoizi n. 33
PINUS § 10
Pinza § 10
Pinzàs § 10
Piñeira § 10
Piñeiro § 10
Piñeiróa § 10
Piñón § 10
Piñor § 10
Piñoy § 10
Pires n. 38

Porcelle n. 9
PORCELLĪ n. 9
PORRIO § 10
PORRUM § 10
**Priabe* § 6
Πριάπειος § 6
**PRIĀPIUS* § 6
PRIAP(I)US § 6
Πριάπος § 6
PRIĀPUS § 6
PRIAPUS § 6
priol § 10
prior § 10
PRŪNICĒTUM § 6
PRŪNUS § 6
Pumarabule § 1

Rapinato § 2
Revinhade § 2

Sancti Gervassi, ecclesia
 § 8

Santervās § 8
Senior-ellus § 1
Senior-inus § 1
Sezár § 7
Silo, -one n. 31

-ule § 1
-uli § 1
URB- § 3

URB-ANIUS n. 16
URB-ASIU n. 16
URB-ENIU n. 16
URB-ICIU n. 16
URB-INIU n. 16
**URBATĪANUS* § 3
URBICIĀNUS § 3
URBICIUS § 3

Varvarinus § 4
vedriñana § 5
vedro n. 19
VERPATUS § 6
VETĒRE § 5
**VETĒRU* § 5
VETROVIUS § 5
Vidille n. 9
Vilabol § 1
Vilaboy § 1
Vilapedre n. 38
Vilapide n. 38
Vilapiñol § 10
villa § 1
Villabolle § 1
Villaboy § 1
Villorobe § 5
VITELLĪ n. 9
VITOVĪ, VILLA § 5
VITROVIUS § 5
VITRUVIUS POLLIO n. 21